

BOLETIM DA EDUCAÇÃO

Nº 06 - SETEMBRO/95

O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EM CUBA



Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST

"Quando há muitas pessoas sem brio, há sempre outras que têm em si o brio de muitas pessoas. Nestas vão milhares de homens e mulheres, vai um povo inteiro, vai a dignidade humana".

José Martí Y Pérez
1995: Cem anos de sua caída em
combate pela Independência de Cuba.

Expediente

Produção: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST
Setor de Educação

Tradução: Alejandro Ruiz
Revisão: Maria Almeida
Digitação: Deisi Costa Coccaro
Diagramação: Zenaide Busanello
Apoio: Bruder In Not - Áustria

Pedidos:

Secretaria Nacional - MST
Rua Ministro Godoy, 1484
05015-900 - São Paulo - SP
Fone: (011)864-8977
Fax: (011)871-4612

APRESENTAÇÃO

Brasil: 20,2 milhões de analfabetos, sendo dois terços do meio rural; 5,7 milhões de crianças de 7 a 14 anos fora da escola; 4% da população com um grau de escolaridade inferior às quatro séries do ensino fundamental; escolas de baixa qualidade; professores desvalorizados; exclusão.

Diante destas estatísticas que se repetem ou pioram a cada ano, fica até difícil acreditar que esta realidade poderia ser diferente. E que existe uma outra lógica de tratar os direitos sociais de um povo. Mas existe! Ainda não é no nosso país, mas também não está tão longe que não possamos aprender seus ensinamentos.

Estamos falando de Cuba e sua Revolução Socialista, que resgatou a dignidade do povo, devolvendo-lhes os seus direitos fundamentais, entre eles o direito à educação e a uma educação de qualidade.

Este Boletim da Educação nos traz as palavras de Luiz Ignácio Gomez Gutierrez, o atual Ministro da Educação da República de Cuba. Trata-se da palestra que proferiu na abertura do Congresso de Pedagogia, realizado em fevereiro de 1995, reunindo mais de 5 mil educadores em Havana. Seu tema é o desenvolvimento da educação em Cuba, a partir da Revolução de 1959.

Através deste texto podemos ter uma visão panorâmica de como acontece a educação naquele país e de qual foi o processo que levou a estatísticas tão diferentes em relação ao conjunto da América Latina: 100% das crianças na escola; sobre a importância que foi e está sendo dada à educação no processo revolucionário.

Como diz Fidel Castro: “A tarefa mais importante da Revolução, sem a qual não há Revolução, é a de fazer com que o povo estude”.

Nós do MST estamos começando também a aprender isso. Certo?!

Reforma Agrária: uma luta de todos!

Coletivo Nacional do Setor de Educação
São Paulo, Setembro de 1995

Palestra Dr. **Luís Ignacio Gomez Gutierrez**
Ministro da Educação da República de Cuba,
no Congresso Internacional Pedagogia/95

Distintos convidados,

Companheiros:

Nossa pátria recebe vocês com a alegria do encontro com pessoas dedicadas à educação: uma das profissões mais próximas do coração e, portanto, a que mais deixa marcas nos nossos semelhantes.

Assumo com prazer e, ao mesmo tempo, consciente da responsabilidade do tema sobre Desenvolvimento da Educação em Cuba, que tem o propósito de lhes dar uma visão panorâmica do fazer pedagógico no nosso país e das tarefas em que temos concentrado nossos esforços nos momentos atuais.

I - A História do Povo Cubano - Nossa História

Luta contra o colonialismo

Gostaria de começar falando um pouco da história de nosso país.

Os cubanos de hoje, são os continuadores de uma incansável luta pela independência iniciada pelo Pai da Pátria, Carlos Manuel de Céspedes, em 10 de outubro de 1868. Derrotas e vitórias, sombras e luzes acompanharam a patriótica luta durante dez anos até que fosse rompida a união existia naquela pródiga demonstração de coragem e com o Pacto do Zanjón, que não significou nem independência nem abolição da escravatura, se pôs fim à nossa primeira guerra de libertação.

Frente a tal frustração levantou-se o general Antônio Maceo, que numa atitude viril, protagonizando o Protesto de Baraguá contra a entrega do Zanjón, salvou a dignidade e a honra pelas quais tinha se derramado tanto sangue.

As lições desta nossa primeira guerra, a Guerra dos Dez Anos, e as de outras ações de heroísmo e ações patrióticas posteriores, serviram de base para José Martí preparar e desenvolver o que ele denominaria a “Guerra Necessária” e que, neste ano, comemoramos o Centenário e à qual dedicamos este Congresso.

Em 24 de fevereiro de 1895 começava um novo

capítulo da luta pela independência nacional em novas condições de desenvolvimento que superavam as etapas anteriores.

Primeiro, já tínhamos a experiência da heróica luta anterior: a lição da unidade como condição imprescindível para se chegar até a vitória. Martí percebeu como ninguém essa necessidade e para a preparação desta guerra criou um partido, o Partido Revolucionário Cubano — um só Partido, não dez ou quinze —, que tinha a missão de explicar, semear idéias, organizar e unificar anseios.

Segundo, aquela guerra foi concebida por ele com a plena consciência de que o perigo não era somente do colonialismo espanhol. Não foi por acaso que em 18 de maio de 1895, dia anterior à sua morte em combate, escreveu para o seu irmão mexicano Manuel Mercado:

“... Estou todos os dias arriscando a minha vida pelo meu país e pelo meu dever - já que assim o entendo e tenho forças para fazê-lo - que é impedir a tempo, com a independência de Cuba, que os Estados Unidos se estendam pelas Antilhas e se apoderem, com essa força, de nossas terras de América. O que eu fiz até hoje e continuarei fazendo é para isso. Em silêncio tem sido e quase que indiretamente, porque têm

coisas que para serem alcançadas temos que fazê-las às escondidas, e se a gente dissesse o que elas são, trariam dificuldades muito grandes para os nossos objetivos...”

De tal forma que o recomeço da luta que completa cem anos neste mês, tinha como propósito não somente a independência de Cuba mas a projeção estratégica de impedir com ela a expansão do nascente imperialismo pela nossa América.

Esta preocupação fazia parte da própria experiência histórica da vanguarda dos cubanos, que sempre tiveram nos círculos de poder dos EUA inimigos ancestrais da sua independência. Temos de dizer que desde a segunda metade do século 18 até nossos dias existe uma forte evidência desta afirmação, problema que não é de responsabilidade do nobre e trabalhador povo norte-americano do qual, apesar da propaganda adversa, temos sempre recebido mostra de afeto e solidariedade.

Os acontecimentos que seguiram àquele luminoso fevereiro de 1895, confirmaram a certeza do perigo previsto pelo mestre. Três anos depois, em 1898, quando nosso povo travava uma guerra vitoriosa contra o colonialismo e quando já tinham tombado no combate Martí e Maceo, aconteceu a intervenção militar norte-americana.

Chegaram sob pretexto de nos ajudar, mas ficaram para nos dizer como tínhamos que nos governar.

Veio então um período de ocupação militar para sustentar as bases de uma dominação de um novo tipo da qual herdamos uma base naval tão absurda quanto vergonhosa.

A República nasceu em 1902 dominada pelos interesses neocoloniais e novas tentativas pela independência nacional e pela revolução social seriam protagonizadas pelos representantes mais avançados do nosso povo. De geração em geração passavam as bandeiras desta luta na qual o sentimento da dignidade e o sentimento da liberdade e da justiça foram sempre mais fortes que as frustrações.

Esta República neocolonial foi cenário da continuidade da luta revolucionária. Operários, camponeses, estudantes, intelectuais progressistas escreveriam com suas ações brilhantes páginas no enfrentamento à repressão, ao entreguismo e à corrupção que representavam indignamente diferentes desgovernos de turno à sombra das asas da águia imperial.

A década de 50 traçava um sombrio panorama caracterizado pela crítica situação da economia e da sociedade cubana, problema que foi aumentado pelo golpe de estado de 10 de março de 1952, que abriu espaço a uma sangrenta tirania.

Porém nosso povo voltou mais uma vez ao ataque e deu continuidade à luta.

A Revolução

Assim, em 1953, Ano do Centenário do Nascimento de José Martí, um grupo de jovens valentes dirigidos por Fidel Castro assaltaram os quartéis militares Moncada, em Santiago de Cuba e Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo. Começava um novo capítulo de nossa história que abria espaço à guerra de libertação de 1956 a qual, após derrotar militarmente as tropas da tirania, assessoradas e equipadas pelos norte-americanos, terminou com a vitória de 1º de janeiro de 1959 .

Desde esse momento estamos empenhados em levar adiante o primeiro projeto social de nossa história e que tem trazido resultados concretos e tangíveis para o nosso povo.

Uma obra que tem nos permitido, pela primeira vez em toda a nossa história, que tenhamos, entre outras coisas, educação gratuita para todos, escolarizado 100% das crianças do ensino do 1º grau e o 98% do segundo grau, mais de 250 mil professores amantes do seu trabalho, com garantia total de trabalho e direito à aperfeiçoamento com pagamento integral do salário.

No ano que a Revolução chegou ao poder, por exemplo, a expectativa de vida era de 62 anos, hoje é de 75. De uma mortalidade infantil de 60 por cada mil nascidos vivos que tínhamos em 1958, hoje temos menos de 10 .

Desde 1959 até hoje o país tem formado quase meio milhão de universitários, dos quais mais de 54.600 médicos, mais de 9.000 dentistas, todos trabalhando em serviços gratuitos para a população.

A Cuba que recebe vocês, o faz com o orgulho de saber que vocês verão um povo que transformou seus sonhos em realidade, que encontrou a verdade e esta os fez livres. E esta liberdade - a segurança de seus filhos e seus sentimentos de dignidade pelos quais morreram tantas gerações — é a força que nos permite resistir às difíceis circunstâncias nas quais nos encontramos.

Se em 1953, no centenário do nascimento de nosso herói nacional, dirigidos por Fidel, em 26 de julho, recomeçou a luta pela independência definitiva da Pátria; hoje, no centenário da morte em combate de José Martí, também dirigidos por Fidel, continuaremos lutando, custe o que custar, para preservar esta independência e esta obra que tanto sangue e sacrifício tem consumido por mais de um século.

O povo que conheceu a luz não vai querer jamais voltar às trevas. Esse é o grande ensino que a história deu aos cubanos que recebem a todos vocês de braços abertos.

Nessa história temos uma das fontes fundamentais para a formação patriótica de nossas crianças e jovens.

Por isso, a nossa educação tem entre seus principais objetivos formar nas novas gerações a convicção de que se Cuba perder a independência deixa de existir como nação. Por isso temos que utilizar o melhor da cultura e vocação independentista e antiimperialista deste povo frente às atuais tendências reacionárias neoanexionistas, ressaltar os princípios da independência e do antiimperialismo para fazer frente ao projeto neocolonial ainda vigente nos círculos mais reacionários do “Norte turbulento e brutal que nos despreza” e que com sua habitual soberba quer dirigir os destinos dos outros povos.

Para essa luta que continua, o pensamento de José Martí nos inspira mais do que nunca, com assombrosa atualidade.

Falava ele da necessidade de impedir a tempo com a independência de Cuba que os EUA caíssem sobre as terras da América. Essa mensagem para nós quer dizer hoje: Impedir a tempo, com a resistência de Cuba, que caiam com essa força sobre a nossa identidade cultural, sobre o direito da autodeterminação; de impedir, com a resistência de Cuba, que se perca o sentimento da dignidade nacional e o direito dos humildes de ter voz própria e ser ouvidos e respeitados pelos poderosos .

O Bloqueio do Imperialismo

Sim, esses poderosos que dirigem este mundo unipolar e que agem como se não nos perdoassem

...Que a revolução tenha garantido a extensão dos serviços educacionais por todo o país, inclusive nos lugares mais distantes que tinham sido historicamente abandonados.

...Que a cultura, o esporte e a seguridade social sejam patrimônio de todos.

...Que não tenhamos deixado de atender uma só criança, incluindo 50.000 deficientes físicos e mentais.

...Que apesar das adversas circunstâncias econômicas, não tenhamos fechado nenhuma escola nem deixado um só professor sem trabalho.

...Que possamos organizar planos de aperfeiçoamento para o pessoal docente fora de seu posto de trabalho, com o pagamento integral de seu salário.

...Que contemos com milhares de dedicados educadores que junto com a sua preparação acadêmica tenham as maiores credenciais para o trabalho pedagógico: sua sensibilidade humana, o amor pelo seus alunos e pelo seu trabalho e um grande sentimento de solidariedade, como têm sabido demonstrar com a prestação de serviços educacionais a outros irmãos do mundo em lugares distantes, sem receber em troca nenhuma compensação material e às vezes pondo em risco suas próprias vidas.

...Que tenhamos garantido a saúde em todos as escolas com

a prestação de serviços médicos e odontológicos gratuitos.

...Que a família cubana tenha a completa garantia de que seus filhos vão a um colégio onde não existe drogas, violência, insegurança e outros grandes problemas que hoje em dia atormentam os colégios em outros lugares do mundo.

...Que neste país as crianças e jovens sejam educados na prática da solidariedade pelo qual durante todos estes anos temos concedido dezenas de milhares de bolsas de estudo a irmãos de outros povos, o que tem garantido a formação de mais de 17.600 jovens de 56 países, muitos deles com formação universitária.

Não perdoam a nossa vontade de pôr à disposição de todos os professores do mundo a nossa modesta experiência educacional, por meio de eventos técnico-científicos internacionais como este Congresso.

Parece como se também não perdoassem os esforços sobre-humanos que faz a Revolução cubana, na atualidade, para manter abertas todas as escolas e garantir professor a cada aluno e dar 40 milhões de cadernos, 35 milhões de lápis e outros recursos para que todas as nossas crianças tenham seu uniforme escolar e, mesmo nas atuais e difíceis condições, mais de 600 mil gozem do semi-internato com almoço e 280 mil de bolsas completas, incluindo alimentação e outros serviços.

Esses que parecem não nos perdoar; esses, os que “odeiam e desprezam”, são os atrasados cavernícolas do bloqueio contra o nosso país. Obstinação no seu objetivo de asfixiar esta pequena ilha, têm ouvidos surdos perante o clamor da comunidade internacional e absoluto desprezo pelas resoluções das Nações Unidas contra essa prática incivilizada, enquanto isso, com vulgar hipocrisia tentam criar condições para uma “intervenção humanitária” - eufemismo da sua tradicional política intervencionista, deste final de século, cheia de baionetas e ausente de argumentos.

Esses, os que “odeiam e desprezam”, são os mesmos que na atualidade nos impedem de adquirir, por exemplo, Salbutamol para os asmáticos, marcapassos para as pessoas com problemas cardíacos, materiais cirúrgicos para salvar vidas, petróleo para o desenvolvimento da economia nacional; são os mesmos que pressionam e intimidam as empresas que desejam realizar investimentos nos diversos setores da economia cubana.

São os mesmos que são indiferentes aos sofrimentos de crianças inocentes, idosos e do povo em geral em consequência do bloqueio.

Sabemos que a luta é dura, porém o que seria de nosso povo se desistisse deste nobre esforço? Voltar ao passado? Qual seria o destino das crianças no que diz respeito a sua segurança e educação? Que destino teriam a justiça e dignidade?

II - O Mundo Capitalista: Aumento dos Excluídos

Todos os que nos sentimos professores, toda a pessoa sensível, não pode ficar indiferente quando conhece a realidade do mundo em que vivemos.

Fontes das Nações Unidas informam que o ingresso anual per capita nos países mais desenvolvidos é de US\$ 20.000,00 em contraste US\$ 500,00 nos países menos adiantados do mundo.

Na relação do gráfico dos que possuem ingressos, os 20% dos mais favorecidos recebem 83% dos ingressos mundiais enquanto que os 20% que ocupam a parte inferior recebem somente 1,5%.

O mundo tem na atualidade 1,1 bilhão de pessoas em estado de pobreza e na América Latina metade da população vive neste estado .

Nesta última década, a dívida externa dos chamados “países em desenvolvimento” quase se duplicou até chegar aos 1,4 bilhões dólares em 1992, com a conseqüente moratória do desenvolvimento e crescimento do desemprego.

Cada ano, quase 13 milhões de crianças menores de cinco anos morrem em todo o mundo por causa de enfermidades facilmente preveníveis e da desnutrição. Isto significa que cada dia morrem no mundo 35.616 crianças, cada hora 1.484 e cada minuto, 25 crianças.

25 crianças mortas por minuto! Um dos dados mais dramáticos que denunciam a injustiça social do mundo que vivemos .

Nesses mesmos países, 130 milhões de crianças, dos quais quase dois terços são meninas, não têm acesso a educação primária.

Como se reconhece no Compromisso de Narinho, assinado em Santa Fé de Bogotá, em 06 de abril de 1994 por 27 representantes dos países latino-americanos, do Caribe e dos EUA:

“Na América, cada ano morrem cerca de 600 mil menores de cinco anos por causas preveníveis e mais de 21.000 mulheres por causas relacionadas com a gravidez e o parto; estima-se que 68 de cada 100 mortes em menores de cinco anos estão relacionadas com desnutrição de proteínas e calorias, que quase a metade das crianças que entra no primeiro ano escolar não consegue terminar o ensino primário e que mais de 90 milhões de pessoas lutam para sair da indigência; por outra parte, cresce o sentimento de frustração dos jovens que não têm uma saída

profissional ao nível de seu conhecimento”.

Frente a este lastimável inventário de calamidades, aparecem reflexões e perguntas como as seguintes:

Se é verdade que já terminou a “Guerra Fria”, se é verdade que diminuíram as tensões, se supostamente já terminou a razão de ser dos investimentos multimilionários da corrida armamentista por que é que os ricos são cada dia mais ricos e os pobres mais desesperadamente pobres?

Por que aumentam os excluídos no mundo todo?

Milhões de crianças, milhões de pessoas esperam pela oportunidade de exercer a sua condição de seres humanos .

Essa oportunidade, eu digo de coração, foi a que a Revolução Cubana deu a seu povo.

Defender estas conquistas não é somente um compromisso com nossa história, é também um sagrado compromisso com nossos irmãos da América, a cuja família de povos pertencemos, unidos pela origem, esperança e perigo, como disse Martí.

Esse compromisso com nossos irmãos da América e todos as partes do mundo de onde recebermos mensagens solidárias é também nossa força para resistir.

E por que podemos resistir?

Como se explica que um país que perdeu todos os seus mercados com o desaparecimento dos outrora países socialistas e submetido pelo terrível e crescente bloqueio imperialista continue de pé?

Temos muitas razões, mas a principal está no povo, na maioria da população que compreende que um socialismo, que se corresponde enormemente com nossa tradição histórica, pode lhes dar e porque há que defendê -lo.

Esse povo e sua vontade transformadora, esse povo que apóia a sua Revolução, porque sabe que sua Revolução nunca vai abandonar ninguém, e que o pouco que a gente tem é compartilhado com todos, é uma das razões centrais que explica na atualidade, não somente nossa sobrevivência, e também que nossa economia tenha detido sua queda e possamos ver o futuro com grande otimismo.

Trinta e cinco anos de poder revolucionário têm ensinado a todos de que em Cuba jamais terá

vigência o “salve-se quem puder”, moeda corrente com o projeto neoliberal e sua avalanche de privatizações.

Trinta e cinco anos de poder revolucionário têm confirmado a certeza de que aqui não pode se tomar nenhuma medida sem ter antes consultado o povo. Isso faz parte de sua cultura política, porque estes anos têm sido também de educação no exercício do poder. Por isso mesmo, aqui,

nenhum cubano corre o risco de acordar um belo dia com a notícia de que vai ser cobrado tal ou qual imposto, ou que determinado produto vai subir de preço.

Nestas circunstâncias de resistência firme, comunicação profunda com o povo e confiança no futuro é que estamos levando em frente nossa obra educativa para todos, cujas linhas principais serão expostas a seguir.

III - Nossa Política Educacional

Temos dez linhas políticas em que temos concentrado os esforços em todos os coletivos pedagógicos.

PRIMEIRA: Continuidade das atividades educacionais em qualquer situação, o que significa a firme decisão de não fechar nenhuma escola, nenhuma classe, nem deixar uma só criança sem professor mesmo que as circunstâncias sejam muito adversas.

Para conseguir isto, a vontade política da Revolução é de manter intacto o orçamento de mais de 1.400 milhões de pesos, unida à dedicação dos professores cubanos que, com dignidade e honra, desafiam diariamente o bloqueio de carências materiais para realizar pontualmente seu dever de educar.

SEGUNDA: Formar consciência sobre a situação por que passa o país e nossa realidade contemporânea.

Esta tarefa encerra muitos desafios pedagógicos. Dentre eles, o de utilizar corretamente o potencial educativo de cada aula para contribuir no raciocínio, na troca de idéias e na argumentação das mesmas.

É a concepção de transformar a escola e a aula numa oficina de idéias, onde é respeitada a opinião de cada um e ao mesmo tempo que se estimula o fortalecimento dos sentimentos patrióticos, o sentimento de Cubanidade e os valores morais aprendemos a nos preservar de posições chauvinistas de qualquer tipo. A eficácia no plano educativo tem muito a ver com os métodos e estilos de trabalho que sejam aplicados. A questão não é somente informar e sim, formar.

Uma das chaves para este trabalho vem da contribuição do pensamento de José Martí, a partir de sua própria experiência no trabalho patriótico que realizava com os imigrantes.

Foi o Mestre quem nos ensinou:

“A conferência é monólogo e estamos em tempos de diálogo. Uns falarão sobre um assunto e todos perguntarão e responderão sobre ele. Algumas vezes, no geral do assunto será somente conferência.

Outras vezes trataremos em conjunto nossas idéias principais para aclarar uma dúvida, para entender uma instituição política, para conhecer o objetivo de um programa social. E tudo isso com o objetivo de acender o patriotismo na razão”.

Aí está a chave, no tratamento em conjunto de nossas idéias: um diálogo onde uns aprendem dos outros, onde a tolerância e a fidelidade aos princípios vão de mãos dadas e os interesses da pátria são priorizados.

Uma sociedade participativa onde os trabalhadores intervêm diretamente na vida política nacional, onde os cidadãos são consultados para decisões legislativas e o povo organizado exerce o poder desde suas instituições de base até o Parlamento, exige que a escola ensine e treine, desde cedo, a capacidade de opinar. Neste sentido, caminha também na direção do trabalho.

TERCEIRA: A melhoria da qualidade do aprendizado e da educação tem a ver com a preparação adequada dos alunos e por conseguinte, a diminuição do fracasso escolar.

A tese de arrancada para levar em frente esta tarefa está também inserida no pensamento pedagógico de José Martí, que disse:

“Todo o esforço por difundir a instrução é em vão quando não se adapta o ensino às necessidades, natureza e porvir daquele que a recebe.”

Em consequência desta concepção, a política educacional cubana se traduz na dialética da centralização e da descentralização. Deste modo os objetivos mais gerais são definidos pelo Estado e concretizados nos programas escolares;

porém, cada território, cada escola, cada turma os adapta às suas particularidades a partir da análise de sua realidade específica.

Este ponto de arrancada se unifica com o princípio de múltiplas alternativas metodológicas para conduzir a aprendizagem e a educação.

Sejam bem vindas todas as teorias. Que os professores se informem sobre as diferentes tendências, porém que seja respeitada sempre a decisão de cada professor de escolher o caminho que ele considere mais certo para a educação de seus alunos. Ninguém mais do que ele sabe das condições dos mesmos, ninguém quanto o professor sabe como fazer para que aprendam, e mais do que isso, o mais importante, como chegar ao coração de seus alunos.

Todos os métodos e nenhum método. Isto quer dizer que tem que viver se qualificando, estudando, e a partir da realidade escolar, que não é a mesma em todas as partes, fazer uma leitura criativa das teorias e das metodologias. Isto é educar também o pensamento científico do professor.

Temos de nos precaver da tentação das novidades, diante do deslumbramento da última teoria, diante das conclusões do último experimento. Temos que conhecer toda a produção das investigações pedagógicas e psicológicas, porém sempre ancorado num pensamento científico e com os pés no chão.

Também insistimos na idéia de que os professores estabeleçam uma comunicação correta com os alunos e entre os alunos, e que o exemplo no comportamento social de todos os educadores sejam um cotidiano magistério moral.

Trabalha-se para que a escola, em coordenação com as instituições da comunidade, desenvolva nos alunos uma cultura recreativa, através do jogo, da leitura e da recreação física.

Da mesma forma, estamos empenhados na criação de ludotecas (bibliotecas de jogos) nos centros educativos, e da incorporação dos jogos tradicionais mais enraizados na nossa cultura e na cultura universal.

Da mesma forma a escola propicia formação de hábitos higiênicos, modos e estilos de vida mais saudáveis nos estudantes por meio da utilização de nossa experiência do médico da família em coordenação com o coletivo pedagógico e aproveitando os conteúdos das matérias curriculares que contribuam neste propósito da saúde.

QUARTA: A formação profissional dos estudantes.

Uma das tarefas educativas mais estratégicas de nosso sistema escolar é a formação de jovens com mentalidade de produtores mais do que de consumidores. Poderíamos ter alternativas de sobrevivência neste mundo se a mentalidade consumista dominasse as novas gerações?

Somos uma sociedade de trabalhadores e camponeses que tem que educar para o trabalho a partir do trabalho. No processo educativo as atividades de trabalho são concebidas como parte do plano de estudo e dos programas curriculares, possibilita-se que os estudantes tenham o conhecimento do trabalho produtivo que vão realizar e que os resultados deste trabalho sejam reconhecidos por eles como uma obra de sua criação.

Dizia o mestre Martí que a caneta deve ser usada nas escolas pela tarde, porém pela manhã deve se utilizar a enxada. Para nós, isso significa a imprescindível necessidade pedagógica de vincular o estudo com o trabalho; de formar o jovem para que aprenda, desde cedo, quanto custa o necessário para viver, ao mesmo tempo que cultiva a sua inteligência.

A geração que se eduque sem saber quanto suor custa levar em frente um país corre o risco de ser prisioneira do individualismo com todas suas conseqüências contrárias ao generosidade e o espírito coletivista.

Como nos ensinou, há tempo, o companheiro Fidel: O trabalho tem que ser o grande pedagogo da juventude.

QUINTA: Ensino da história de Cuba. Como dizia no começo desta intervenção, nós temos na nossa história uma fonte inesgotável de reflexão e fortalecimento patriótico.

Assim, trabalhamos para conseguir um ambiente escolar que reviva constantemente as tradições patrióticas de nosso povo, o conhecimento de seus heróis e de suas qualidades, tanto na aula de história quanto nas demais atividades que acontecem no dia-a-dia da escola.

Com Martí aprendemos que “de amar as glórias passadas tiramos forças para adquirir glórias novas”. Vivemos conscientes de que a atual geração de cubanos e as vindouras terão na história da pátria uma referência permanente frente aos desafios que se aproximam e frente aos quais não temos dúvidas que, graças a unidade deste povo, forjaremos glórias novas. Para isso nos preparamos.

SEXTA: O ensino do Espanhol e da Matemática.

Se dizemos que a História é um caminho, não o único, para a educação patriótica das crianças e jovens, no Espanhol e na Matemática temos duas imprescindíveis contribuições para a boa utilização da expressão oral e escrita, para a comunicação e para o desenvolvimento do pensamento lógico.

É claro que estes objetivos não são propriedades exclusivas destas matérias, porém são as mais eficazes para consegui-los; o que não exclui a contribuição de todo o currículo para tais propósitos à luz das relações interdisciplinares.

SÉTIMA: O trabalho preventivo e comunitário, a partir da idéia de que a escola tem que ser o centro cultural mais importante da comunidade que com ela tem que ter uma estreita relação, por meio de diversos caminhos, para o qual procurará o apoio de todos e, especialmente, da família, com particular atenção para aqueles lares de alunos onde acontecem situações de risco que podem levar ao fracasso escolar.

Para isso a educação tem o apoio de todas as organizações políticas e sociais destacando-se o formidável papel que tem os Conselhos Populares, como órgãos de poder do povo no próprio seio das comunidades.

OITAVA O trabalho metodológico e a qualificação do pessoal docente.

Diz respeito ao trabalho técnico, profissional, didático que tem de ser realizado para materializar, efetivamente, todas as linhas de trabalho.

O que é, para nós, trabalho metodológico?

Posso lhes dizer que em síntese é “Ensinar a Ensinar”. É orientar tecnicamente o professor para uma melhor preparação de sua aula e colocá-lo cada vez mais em melhores condições para realizar, com êxito, sua tarefa educativa.

Em função das necessidades do professor, o pessoal técnico e de direção que os orienta, aplicam na atualidade um método que temos chamado TREINAMENTO METODOLÓGICO CONJUNTO, que consiste em partir do diagnóstico da realidade dos alunos e daí trocar idéias, refletir de forma coletiva e discutir sobre o tipo de preparação das aulas. Este diálogo de trabalho técnico não é outra coisa senão o *martiano* “tratamento em conjunto” das idéias e das experiências, para depois, também em conjunto, ver a demonstração prática da aula frente aos alunos e tirar dela as considerações didáticas pertinentes.

Este método, pelo menos na nossa experiência,

aperfeiçoa os caminhos tradicionais da supervisão escolar, melhora a comunicação entre o coletivo pedagógico, não gera as tensões lógicas da clássica observação das aulas e propicia uma melhor orientação à preparação individual do professor.

Outro componente essencial desta linha de trabalho é o aprimoramento do pessoal docente.

Nós asseguramos o critério de que a qualidade do processo de educação e de ensino depende muito do grau de preparação científica e pedagógica que têm os professores. Por isso, temos em Cuba um grupo de educadores na reserva que fazem cursos de capacitação e aperfeiçoamento, liberados da aula por um ano com seu salário completo, dedicados a estudar .

No ano seguinte, se reintegram à sua escola e então saem outros companheiros. Esta reciclagem é muito importante para a melhoria do nível cultural, para sua atualização, para ter acesso a outras fontes que lhe propiciem desenvolvimento para um melhor trabalho educacional.

Estamos conscientes de que podemos melhorar os currículos, os programas, os livros escolares e o material didático, porém o principal é a cultura científico-pedagógica dos professores.

Um professor bem preparado conseguirá superar um programa insuficiente; um professor bem preparado sempre vai superar o que dizem os livros; um professor bem preparado vai estar em condições de gerar atividades criativas e que propiciem o desenvolvimento. Para nós, o essencial é o atendimento técnico que podemos dar a essa pessoa que tanta importância tem na formação do pensamento dos alunos e na educação dos seus sentimentos.

Não foge da compreensão de vocês que a saída dos professores para participar de cursos exige a consciência de que o colégio vai trabalhar com menos professores, e aqueles que vão ficar deverão assumir todas as tarefas; e assim sucessivamente, o coletivo vai se reciclar pelos planos de aperfeiçoamento que acontecem nos institutos pedagógicos que existem em todas as províncias do País.

A escolha sobre quem vai ficar no colégio e quem vai sair para se reciclar é feita levando em consideração a opinião dos assessores técnicos dos professores, do diretor e, é claro, a avaliação do coletivo da escola.

Porém consideramos que a todo educador deve-se garantir oportunidade de aperfeiçoamento sistemático em condição que possa realizá-lo

sem preocupações econômicas de nenhum tipo. Isto é contribuir para a elevação da qualidade da educação.

Não basta garantir escola para todos, senão escola para todos com a qualidade que os pais têm direito de exigir-nos.

Ah! Se vocês me perguntam como podemos fazer isso, se me perguntam como podemos tirar milhares de professores para estudar sem diminuir seu salário, a minha resposta seria simples: porque temos uma Revolução, e mais que isso, porque temos a firme decisão de não perdê-la.

NONA: Fortalecer a influência das estruturas de direção educativa sobre a escola.

Isto exige o fortalecimento técnico destas estruturas - que no nosso caso são municipais e provinciais - na atenção dos professores e alunos com claro sentimento das prioridades de trabalho despidos de matizes burocráticas ou formais. Nesse sentido, damos muita importância à qualificação profissional dos técnicos que trabalham na orientação e controle dos trabalhos dos professores. O dirigente educativo, em todos os níveis, deve ser um exemplo como cidadão e como profissional, capaz de demonstrar mais com sua atuação do que com suas palavras. Sua autoridade não é formal, porque se deriva do prestígio alcançado junto aos professores.

DÉCIMA: A atenção e estímulo ao trabalhador da educação.

Esse dedicado ser humano que é o professor, esse anônimo escultor de almas, precisa de uma especial e dedicada atenção, não somente a nível material neste âmbito de escassez que sofremos, mas sim no espiritual que, em definitivo, é o mais importante.

Os professores são humildes trabalhadores, gigantes no moral e no sentimento humanista, qualidades que exigem um estilo de direção que seja portador do espírito, reivindicado por José Martí no seu formidável artigo "Sobre as funções do elogio" quando disse para o seu tempo e para o nosso:

"A generosidade une os homens e a aspereza os separa. O elogio oportuno apóia o mérito e a falta de elogio oportuno tira forças. Somente o coração heróico pode prescindir da aprovação huma-

na e a falta de aprovação debilita até o coração heróico."

A tarefa então é desenvolver um estilo de atenção que, sem fazer concessões à exigência pela qualidade dos resultados, cultive de forma contínua o reconhecimento e o estímulo e chegue não somente à consciência mas ao coração de cada educador.

Cúmplices da virtude, no melhor estilo *martiano*, são estes milhares de compatriotas aos quais tanto devemos pela sua calada, anônima e essencial tarefa.

É por isso que este Congresso está dedicado também aos professores cubanos, que estão orgulhosos de serem anfitriões do evento científico mais grandioso que acontece no nosso país e um dos maiores em nível mundial. Sem eles teria sido impossível organizar este encontro. Por esta causa e por muitas outras que tem a ver com os valores do espírito, dizemos desta tribuna ibero-americana que somos infinitamente gratos aos heróicos professores cubanos, especialmente a essas heroínas que são as nossas educadoras.

É inquestionável: O menos que deve saber um ser humano, é saber LER e ESCREVER. Quando uma pessoa não sabe ler nem escrever está situada realmente na escala mais inferior em que pode se situar um ser humano. Em primeiro lugar, seus conhecimentos ficam limitados de maneira extraordinária. Em segundo lugar, há uma riqueza, uma grande riqueza, da qual toda a humanidade é herdeira. Não se trata de uma central açucareira, nem de uma mina de ouro. Não se trata de bens materiais, porém vem a ser a riqueza mais valiosa da pessoa humana, porque é a que criou com sua inteligência e com seu esforço. Existe uma gigantesca riqueza cultural, produzida pela humanidade, da qual é herdeira toda humanidade. A pessoa mais humilde, mais pobre, a que careça de bens, pode ter a riqueza de todas as obras, todos os livros e de todos os ensinamentos que lhe deixaram milhares das pessoas mais proeminentes do gênero humano. A pessoa que não sabe ler nem escrever está renunciando a essa herança. É uma pessoa despossuída por completo da imensa riqueza espiritual que a humanidade já produziu.

(Fidel Castro)